

BOFF, Leonardo, *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. A emergência de um novo paradigma. São Paulo, Ática, 1993, Série: religião e cidadania, 180 pp., 21,5 x 14,5 cm, ISBN 85 08 04502 6

Com seu característico estilo brilhante e carregado de vida, L. Boff aproxima-se da temática ecológica desde a perspectiva dos países do 3º Mundo. O livro, entretanto, retoma, artigos de diversas naturezas. Três são os assuntos centrais: ecologia, teologia da libertação no novo contexto da queda do socialismo e do desenvolvimento da tecnologia avançada, e espiritualidade.

O mais original é a primeira parte que se refere à ecologia num horizonte muito amplo. Tenta ultrapassar a visão primeiromundista da ecologia, e, às vezes, até romântica, para desocultar-lhe as raízes sociais e políticas.

Parte da tese central de que a ecologia só se entende numa perspectiva holística de relação entre todos os seres criados e o Criador. Ela é "relação, interação e dialogação entre si e com tudo o que existe, real ou potencial" (p.15). Por isso, ela é política, ética, teologia e mística. Como política, impõe exigências de justiça social e se deixa entender a partir dos pobres que são as maiores vítimas da mentalidade anti-ecológica. Como ética, exige comportamento justo e maneira correta numa perspectiva não utilitarista ocidental, mas em integração com a comunidade terrestre e cósmica, como o fazem o budismo e o hinduísmo no Oriente (p.35). É teologia e mística, porque o cosmos é a casa de Deus. O ser humano está em contacto com o lado religioso e misterioso do criado.

A pretensão do A. é mais que discutir a temática da ecologia e sim criar uma nova mentalidade ecológica que afete a totalidade do agir humano de modo que, reconciliado consigo (ecologia mental), saiba conviver com os seus semelhantes (ecologia social) e com os demais seres (ecologia ambiental). No fundo, há uma crítica acerba à visão antropológica ocidental do ser humano e do conhecimento como domínio e dominação das coisas e dos outros. Além disso, o A. denuncia o fato de o Ocidente não suportar defrontar-se com a alteridade. Intenta sempre reduzi-la à sua identidade e mesmidade.

Há, ao longo desta parte sobre ecologia, uma série de teses provocantes que merecem discussão aprofundada, pois questionam o caminho teórico e prático que a civilização ocidental vem trilhando há mais de dois mil e quinhentos anos. Nesse sentido, tais reflexões significam um avanço nas preocupações até então centrais dos teólogos da libertação.

A segunda parte sobre a teologia da libertação se dirige mais a públicos menos afeitos a ela e que necessitam de certos esclarecimentos. São questões mais tratadas e conhecidas em nossa literatura.

A terceira parte intenta interpretar o atual surto de espiritualidade e mística. O A. trabalha um conceito bem amplo de mística e de espiritualidade. Entende espiritualidade em articulação com todo movimento de defesa e promoção da vida. E a mística com o lado escondido, não-comunicado e misterioso da realidade, cujo acesso não se faz pela racionalidade instrumental e lógica, mas pelos símbolos, gestos rituais.

Livro interessante, provocativo, livre. Bem escrito literariamente. Fala ao lado estético e emotivo do leitor. Não se preocupa tanto com a rigidez acadêmica. Interessa-se por dirigir-se à interioridade do leitor a fim de despertá-lo para esta nova realidade da ecologia e da espiritualidade. No meio de um discurso impactante introduz, com certa frequência, dados objetivos de divulgação das ciências de ponta de modo que o leitor se enriquece com eles. Sendo um livro feito de artigos dispersos não tem uma coerência interna. As agrupações são bem feitas, mas revelam certa artificialidade própria desse gênero de publicações. Vale também ressaltar as indicações bibliográficas no final dos capítulos que, bem escolhidas, permitem ulteriores estudos.

J.B.L.

COMBY, Jean, *Para ler a história da Igreja*. Tomo I: Das origens ao século XV. Tradução (do francês) Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1993. 192 pp., 21 x 22 cm. ISBN 85-15-00774-6

Jean Comby, professor das Faculdades Católicas de Lião (França), de forma concisa e com fluidez de estilo, percorre em dez capítulos quinze séculos da história da Igreja.

Para o A. o estudo da condição do cristão dos primeiros séculos até nossos dias pode dar uma resposta parcial, mas capital, às interrogações modernas, especialmente em relação à questão em que consiste ser cristão.

A apresentação dos quinze séculos da história da Igreja é precedida de dois guias de orientação. No primeiro, intitulado "Guia para percorrer a história da Igreja" (5-8), o A. delinea os pressupostos teológicos que norteiam sua obra, dos quais dois merecem ser ressaltados: 1) encontramos a Jesus na trama de nossa vida atual, tal como foi "pregado e comunicado" —parafraseando a Bossuet— na trama da existência daqueles que nos precederam: os acontecimentos e pessoas nos interessam, pois são os portadores da fé (5); 2) ao longo dos séculos os cristãos tiveram uma experiência múltipla de Jesus; a história da Igreja nos faz descobrir as contribuições sucessivas das diferentes épocas para a nossa existência cristã atual (9).

Já no segundo guia, sob o título "Guia de leitura e de trabalho" (9-13), o A. estabelece alguns critérios de metodologia histórica, especialmente os referentes à heurística e à crítica das fontes.

Cada capítulo se divide em duas partes: um desenvolvimento contínuo apresentando a sucessão e o encadeamento dos acontecimentos, e, em tipologia diferente, uma evocação de documentos —mapas, cronologia e textos— que estão na origem dessa história.

Para a divisão dos períodos históricos o A. adota os mesmos critérios da historiografia ocidental, em particular a francesa, baseado no pressuposto da impossibilidade de se separar a história da Igreja da história geral da humanidade. Daí a necessidade de evocar o mundo no qual vivem os cristãos, recordando alguns acontecimentos políticos, sociais e econômicos, que determinaram a vida da Igreja. No entanto, não se atém a uma rígida sucessão cronológica dos dados históricos, mas entrecruza-os com aspectos relevantes da vida interna da Igreja, tais como a literatura, a liturgia e a dogmática cristãs.

Além de uma bibliografia geral apresentada à página 13, no final de cada capítulo o A. fornece um elenco de outras obras específicas e complementares. Como o público visado é sobretudo o francês, todas as referências bibliográficas da obra original encontram-se na língua homônima. A tradução integra um ou outro livro em língua portuguesa, mas somente os publicados por sua editora.

Cabe-nos esperar pela tradução do segundo tomo, a fim de que o leitor possa desfrutar de uma visão panorâmica de toda a história da Igreja e motivar-se à leitura dos documentos e dos clássicos da literatura cristã, e almejar que a editora mantenha o alto padrão de edição desta obra.

D.M.

GONZALEZ BUELTA, Benjamín, *Depois das utopias*. Sinais e parábolas para fazer a história. Tradução (do espanhol) J. A. Ceschin. São Paulo, Loyola, 1993. 148 pp., 20,8 x 13,8 cm. ISBN 85-15-00804-1.

Este livro tão evangélico e transparente aparece agora em português. Já se deu notícia do mesmo nesta revista, quando de sua edição espanhola [(PT 24 (1993) 404-406)]. A apresentação da edição brasileira não fica nada a dever. A tradução é escorreita e permite fácil leitura. No movimento de desejo de maior profundidade espiritual, este livro pode contribuir muito para que os agentes de pastoral, os militantes cristãos possam, no meio de sua labuta, aprofundar o sentido meditativo da palavra de Deus.

J.B.L.

SILVA, Hélio R. S., *Travesti: A invenção do feminino*. Etnografia. Rio de Janeiro, Relume-Dumará; ISER, 1993. 171 pp., 21 x 14 cm

O A., professor da Universidade Federal de Santa Catarina, oferece ao público sua tese de mestrado em antropologia pelo Museu Nacional. Uma tese diferente, pois se lê com interesse constante, num fôlego, como se fora um romance. O A. soube conciliar a literatura com a ciência antropológica.

Sua tese — como sugere o título — é que o travesti “inventa” o feminino, numa luta constante, a cada momento da existência para superar o masculino que brota de seu ser. Mas a análise do A. não se realiza no campo psicológico, e sim no campo das relações sociais. O ser humano é um ser de relações. São estas que criam sua identidade “para o outro”. Ao longo de suas páginas, o A. vai mostrando a trama de relações, enquanto narra suas observações de campo, das quais, pela forma como apresenta, é capaz de passar imperceptivelmente a observações teóricas.

O campo de trabalho do A. são especificamente os travestis que se prostituem no bairro da Lapa, no Rio. A forma de apresentar a situação desse bairro já é de grande originalidade que se mostrará mais pujante ainda na descrição da vida dos travestis. Aqui o A. divide o trabalho conforme o trajeto de um dia do travesti: tarde — noite — manhã. Se a noite é o clímax de sua “batalha” para a qual se prepara à tarde, a manhã é o anticlímax que permite ao A. refletir sobre a condição social do travesti. A última parte do trabalho o A. reserva para os dados mais técnicos, quase como uma reflexão metodológica sobre o que, no decorrer da obra, ele foi fazendo passar ante os olhos do leitor.

Enfim, um excelente trabalho a que esperemos se sigam outros, sugeridos no correr das páginas. Do ponto de vista pastoral, o livro interessa a quem trabalha na pastoral urbana, nos diversos campos que se dedicam à ação junto aos excluídos de nossa sociedade, especialmente a Pastoral da Mulher Marginalizada (Note-se, no entanto, que, na perspectiva do A., “excluído” não é a palavra adequada para os travestis, pois o A. adverte para a progressiva aceitação deles como grupo, excêntrico, sim, mas existente e, como tal, com que a sociedade acaba acostumando, apesar de todos os preconceitos).

Com razão, Otávio Velho, na apresentação, chama a atenção à misericórdia com que o A. trata os travestis, como pessoas humanas, e não como “curiosidade excêntrica”. A ética da diferença, mandamento fundamental do antropólogo, é radicalmente observada. A diferença não é “domesticada” por classificações prévias que pretendem criar clareza.

F. T.

MORIN, Dominique, *Para falar de Deus*. A questão de Deus, hoje. A ciência, caminho para Deus? Deus e a liberdade do homem. Deus existe? Deus e o problema do mal. Tradução (do francês) Nadyr de Salles Penteado. São Paulo, Loyola, 1993, 166 pp., 20,7 x 20,8 cm. ISBN 85-15-00632-4

Livro simples, didático, extremamente bem escrito e provocante. O A. escolheu para seu estudo três fontes de problemas em relação à existência e à natureza de Deus: as ciências, a liberdade e o mal. Trata-se de um problema de todos os tempos e que, apesar dos profetas do secularismo, hoje se coloca ainda agudamente. No fundo, o problema de Deus está intimamente ligado com o do sentido da vida. O homem não pode impunemente renunciar a tal questão.

O livro aborda o tema a partir de uma reflexão de tipo filosófico em profunda conexão com a nossa experiência cotidiana e não inicialmente da revelação. O A. não se detém unicamente no nível filosófico. Desenvolve também reflexões tipicamente teológicas, mas sempre a partir "de baixo", de maneira indutiva e não dedutiva. A perspectiva existencial atravessa o livro.

Antes, porém, de tratar da questão da relação entre a fé e a ciência no referente à concepção de Deus, desenvolve um capítulo prévio sobre o significado que se dá à palavra Deus. Mostra como muitos problemas a respeito de Deus vêm da dificuldade, imperfeição e, mesmo aberrações, na configuração da idéia de Deus, que no Ocidente tiveram sobretudo duas fontes inspiradoras: a tradição da filosofia grega e a do judeu-cristianismo. E, como a secularização da modernidade serviu, na sua ambigüidade, para purificar essas concepções, como também para conduzir ao secularismo ateu.

O clássico conflito entre a concepção de Deus e as ciências é tratado com clareza, informação e pertinência. Bem atualizado, o A. aduz dados das ciências, cita inúmeros cientistas e filósofos da ciência, com quem estabelece inteligente diálogo. Sabe situar bem em que ponto está essa questão, articulando corretamente o duplo pólo da autonomia e da relação entre fé e ciência. Defronta-se inteligentemente com as posições de A. Comte e J. Monod, mostrando até onde eles falavam em nome da ciência, até onde extrapolavam tal campo. O caso Galileu é retomado nos termos atuais. E finalmente aborda a questão da relação entre criação do mundo por Deus e evolução.

O segundo bloco temático toca o coração da filosofia moderna: a questão da liberdade. Mostra como a oposição entre Deus e a liberdade humana decorre fundamentalmente de falsa compreensão da transcendência e providência de Deus. Ressitua muito bem estes dois temas. De modo simples, acessível, mas exato, apresenta nova compreensão de Deus que não conflita, antes fundamenta, respeita e dignifica a liberdade humana. Defronta-se sobretudo com a tendência feuerbachiana de reduzir Deus à projeção dos desejos e imaginação humana.

Mesmo aceitando que, no sentido estrito, não se prova a existência de Deus, nem a sua não-existência, mostra como o crente encontra hoje mais argumentos necessários para mostrar a si próprio que sua escolha é razoável,

credível, justificável. Estuda as clássicas provas da existência de Deus — a partir do mundo, do homem e de Deus mesmo — que, se não são peremptoriamente probantes, ao menos apresentam seu interesse. O pensamento de W. Kasper, proposto no início do capítulo, dá o sentido de tais provas: “Não se deve esperar das provas de Deus mais do que um convite argumentado à fé”. Em outras palavras, elas indicam a direção em que se deve caminhar, se se quiser descobrir a Deus. Mais. A falta de evidência e da força necessitante dos argumentos da existência de Deus fundamenta a nossa liberdade, responsabilidade, inevitável decisão livre de fé ou o ateísmo ou o agnosticismo. Ou no mínimo, observa o A., as “provas” da existência de Deus são perguntas ao homem.

O A. mostra também muito bem a relação entre os argumentos da existência de Deus e a fé no sentido de que “sem a prova a crença seria cega, e sem a crença a prova seria vazia e vã”, citando É. Borne. Conclui a reflexão com bela consideração sobre o Deus da Revelação cristã.

O último bloco de questões se refere ao agudo problema de Deus e a existência do mal. Situa a questão do mal em toda sua rudeza: “mistério” irracional e escandaloso (G. Marcel). O mal e o sofrimento são injustificáveis, inexplicáveis. O livro inicia este capítulo tentando conceituar o mal em suas diversas formas: mal natural existencial, mal moral.

Elenca os caminhos que os homens vêm trilhando para trazer alguma luz para esse “mistério”: os mitos, reflexões filosóficas e termina com uma reflexão cristã.

Os mitos não nos satisfazem com suas explicações. As reflexões filosóficas podem ser resumidas em três grandes grupos, deixando de lado a solução maniqueia do duplo princípio do bem e o do mal. Uns pregaram uma atitude de resistência, de ataraxia — os estóicos —, outros de luta contra o mal num mundo fundamentalmente harmonioso — Heráclito, Leibniz — e finalmente outros pregam a revolta — A. Camus.

A visão cristã também não oferece explicação satisfatória e cabal do sofrimento, do mal. É antes a aposição de afirmações cuja compossibilidade nos escapa: existem o sofrimento e o mal, Deus continua Deus na sua impotência diante do sofrimento, Deus se solidariza conosco no sofrimento, Ele mesmo experimentou no Filho o sofrimento.

O A. assume as reflexões de ponta no assunto. Livro claro, simples, com excelentes orientações bibliográficas complementares. Vem bem recheado de citações expressivas e contundentes. Certamente fará muito bem às pessoas que estão debatendo-se com o problema de Deus. Trar-lhes-á, sem dúvida, luzes. Escrito em estilo sereno, não-apologético, no sentido tradicional, mas cumprindo a verdadeira função da apologética dos tempos modernos. Vale a pena conferir!

*J. B. L.*

VASCONCELOS, Eduardo Mourão: *Do hospício à Comunidade: mudança sim; negligência não*. Belo Horizonte, SEGRAC, 1992, 136 pp., 20,5 x 13,5 cm.

O A., psicólogo e cientista político de formação básica, com doutorado na Universidade de Londres, tem-se interessado por estudos da política de saúde mental. Nesse livro, retoma coletânea de textos escritos sobretudo em 1992 (com exceção do primeiro, elaborado em 1990).

O debate em torno ao projeto de lei do Dep. Paulo Delgado, de 1989, propiciou a ocasião para a elaboração dos três primeiros textos do livro, enquanto as discussões de preparação ao Iº Congresso Brasileiro de Psicologia da Comunidade e Trabalho Social (BH, agosto 1992) estão na base dos dois outros trabalhos.

Dois anexos, que contêm a "Carta da ONU: A proteção de pessoas com problemas mentais e melhoria da assistência à saúde mental" e o Projeto de Lei nº 3657 do Dep. Paulo Delgado, já mencionado acima, completam o tema.

O primeiro texto passa em revista as legislações recentes sobre aspectos administrativos e sobre as estruturas de serviços psiquiátricos. Explicita mais longamente as duas tendências referentes à legislação sobre os locais e formas prioritárias de assistência dos serviços psiquiátricos. Uma primeira tendência traduz o deslocamento da ênfase no hospital psiquiátrico especializado (manicômios) para alas psiquiátricas em hospitais gerais, através do fechamento dos grandes hospitais, ou redução do tamanho e do número de leitos e da melhoria das condições físicas. A outra coloca a ênfase na assistência extra-hospitalar, realizada na comunidade. Num item dedicado aos procedimentos hospitalares dentro da legislação psiquiátrica internacional, distingue quatro tipos de admissão do usuário: voluntária, involuntária, para observação e de emergência. Detém-se, em seguida, no delicado ponto dos direitos dos pacientes nas diferentes legislações. Termina esse trabalho com um estudo das especificidades do atual contexto brasileiro e a reforma da legislação psiquiátrica no país. Levanta nesse contexto a grave questão da "desinstitucionalização" da psiquiatria no sentido de deslocar a ênfase do hospital psiquiátrico para formas menos institucionalizadas e mais comunitárias de atenção à saúde mental. Alerta para que neste deslocamento a ressocialização e a devolução da loucura à sociedade não signifiquem uma reprivatização compulsória da loucura na família ou simplesmente um processo de negligência social, em caso de sua ausência.

Em outro trabalho mais longo, tenta articular dois objetivos: lutar pela utopia final da desinstitucionalização dos processos psiquiátricos e acertar o passo com a diversidade, e o possível realizável nos diversos contextos sócio-históricos. O A. descreve as novas conjunturas da escassez de força de trabalho, da revalorização do trabalho humano, da experiência das guerras, dos processos de democratização e ondas revolucionárias, do desempenho das políticas de "welfare states", das mudanças no processo de produção e financiamento dos serviços sociais, das mudanças demográficas, das mudanças nas teorias e práticas terapêuticas em saúde mental, da integração da psiquiatria na medicina, do desenvolvimento das terapêuticas psicofarmacológicas. Estuda o caso italiano da reforma psiquiátrica, destacando os ingredientes impor-

tantes para programas de desinstitucionalização em saúde mental, terminando com as implicações de tudo isso para o caso brasileiro.

Os três trabalhos seguintes são menores. Giram em torno duma avaliação da integração do programa de saúde mental no sistema único de saúde no Brasil recente, da questão da saúde mental comunitária e da psicologia da comunidade.

A questão levantada pelo A. é de suma relevância. Ao mesmo tempo, propugna uma desinstitucionalização da psiquiatria, e a criação de alternativas e dispositivos na comunidade para não se deixarem sem assistência as pessoas que necessitam de cuidados. Num país em que a crise econômica tem corroído os sistemas educativos e de saúde, levantar tal discussão é altamente provocativo e necessário. O A. consegue conjugar excelente formação acadêmica nos padrões da Universidade de Londres e larga experiência de compromisso e luta popular. Poder manejar com acribia esses dois lados da realidade — academicidade e engajamento — permitiu ao A. produzir textos ricos e provocativos, críticos e criativos.

J.B.L.

SAINT BONAVENTURE, *Sermons de diversis*. Nouvelle édition critique par Jacques Guy Bougerol, Volume I et II, Paris, Les Éditions Franciscaines, 1993, 881 pp., 24 x 17 cm. ISBN 2-85020-039-5

Só os especialistas na Patrística têm condições de apreciar e reconhecer o valor de obras desse nível crítico. É sabido que entre os sermões, transmitidos como de S. Boaventura, havia sermões verdadeiros, outros inautênticos, outros embelezados por discípulos entusiastas, apontamentos de um sermão pronunciado oralmente. Qualquer trabalho crítico tem de levar em consideração tais elementos. Os dois volumes em questão dos sermões “de diversis”, estudam-lhes a autoridade literária, precisam-lhes as fontes, a língua e o lugar que ocupam na obra do Seráfico. Sua autoridade doutrinal mostrará a importância de tais sermões para a justa inteligência do pensamento do Santo. Sublinhando a unidade de inspiração e de expressão das diferentes obras, os grandes temas tratados nos “de diversis” aparecerão na sua verdadeira luz.

Em longa e séria introdução, o editor crítico apresenta os sermões de S. Boaventura sob três rubricas: o “corpus” dos sermões dominicais, a coleção dos sermões “de tempore” e, de maneira muito mais ampla, os sermões “de diversis”, de que se faz a edição crítica. Há uma descrição minuciosa da lista dos manuscritos que estão na origem da definição do texto crítico. Em seguida, o editor verifica a autoridade literária dos sermões, para ulteriormente mostrar a sua autoridade doutrinal, salientando o papel central da pessoa de Jesus, no qual se encontra Deus. Uma verdadeira teologia deve estar aberta à manifestação escatológica de Deus.

No final do segundo tomo, há uma série de anexos: as bibliotecas e seus respectivos manuscritos, as citações da Escritura e das “auctoritates” ocorri-

das, passagens bíblicas tomadas como temas e pro-temas, longa lista de idéias abordadas e um índice bem completo.

A recuperação fiel dos textos dos grandes doutores e mestres da Teologia é sempre serviço muito valioso e que supõe muita pesquisa e trabalho sério. Obras como estas são sempre bem-vindas.

J.B.L.

ZILLES, Urbano, *A significação dos símbolos cristãos*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1994. 3ª edição revista e ampliada. 128 pp., 21 x 14 cm.

Urbano Zilles, doutor em Teologia, desde 1969 é professor de Filosofia e Teologia na PUC-RS, onde, desde 1988, também exerce a função de Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação.

Em seis breves capítulos, com subdivisões de itens bem delimitados, o A. analisa os símbolos e os sinais mais comuns que fazem parte da liturgia cristã, objetivando uma iniciação catequética ao encantador universo do culto religioso.

Em boa hora, o A. lança este livro. Por quê? É que o homem de hoje está perdendo cada vez mais o sentido do símbolo, assim na linguagem cotidiana como, especialmente, na linguagem relativa ao sagrado. O homem da época da cibernização atém-se mais à concretude compacta e rígida das coisas, ao fático, ao utilitário, ao mensurável. Para o mundo metafísico seu intelecto está como que embotado. Aqui está um dos motivos do agnosticismo...

Todos os símbolos transmitem um sentido de sentido, através do qual se vai para além do sentido primeiro, literal, e se acede a um sentido segundo, transcendente, o qual contacta com o mistério. É por isso que tempo, lugares, pessoas, etc., tornam-se mediação entre o homem e a alteridade, entre o homem e o absoluto. Isto é universal no espaço e no tempo.

O livro de Zilles constitui um conjunto de pequenas reflexões, mas profundas, sobre símbolos e sinais cristãos. Contribuirá, e muito, para os fiéis cristãos —*christifideles laici*— se inteirarem do inexaurível significado do ritual da liturgia da Missa e dos sacramentos.

R.A.U.

ZILLES, Urbano, *Profetas, apóstolos e evangelistas*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1992. 94 pp., 21 x 14 cm.

Da pena fecunda de Urbano Zilles brotou mais uma obra, desta vez não referente à filosofia ou à teologia, propriamente ditas, que lhe constituem a especialidade, mas sobre três temas fundamentais, vinculados à teologia.

*Profetas, apóstolos e evangelistas* representa uma compilação, que obedece a um esquema bem ordenado de dados encontrados no Antigo Testamento,

nos Evangelhos, na história do cristianismo primitivo, com destaque de Eusébio bem como de alguns Padres da Igreja, e em referência sapócrifas.

Para cada um dos personagens tratados, o A. reserva, no fim, um espaço, onde discorre sobre a veneração que se lhes presta.

Consiste o mérito do A. em haver reunido tudo num pequeno volume, com quinze capítulos, de agradável leitura, primando, como sempre, pela clareza de exposição e fluência de estilo.

Todas as informações são precisas, com indicação das fontes, não deixando, também, de mencionar aspectos lendários, tecidos em torno de alguns personagens enfocados. "Não pretende, como o A. diz, na introdução (p. 13), exaurir o assunto, mas oferecer uma ajuda a leigos, catequistas e evangelizadores de nossos dias."

De fato, o objetivo foi alcançado. Aos catequistas o livro serve de guia, para enriquecer e aprofundar os conhecimentos doutrinários; os evangelizadores encontram, aqui, um manancial abundante sobre a importância e o significado dos profetas, dos apóstolos e dos evangelistas para o advento de Cristo e a formação da Igreja; para os leigos, em geral, represente uma abertura de horizontes mais amplos de pontos básicos da religião cristã. Ademais, todos os textos são um estímulo para novas leituras e pesquisas sobre profetismo, apostolado e evangelização.

É uma obra bem-vinda, no tempo atual.

Está, pois, de parabéns o A. por mais esta produção, ao lado de tantas outras, já conhecidas dos leitores, no Brasil, seja pelos livros publicados, seja pelos artigos, em inúmeras revistas.

Faço votos de que as profundas mensagens, transmitidas pelos protagonistas desta pequena grande obra, esparjam as sementes do Verbo e frutifiquem abundantemente.

*R.A.U.*